
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

O TEXTEMUNHO

Maria Tereza Carneiro Lemos (PUC-Rio)
maria.tereza.lemos@terra.com.br

RESUMO: As ciências sociais têm dado especial atenção aos gêneros memorialistas como sendo importantes fontes de conhecimento sobre a construção de identidades na contemporaneidade. Procurando evitar a reafirmação de teorias sobre minorias que constroem identidades rígidas e reducionistas, reiterando os clássicos contrastes como dominador–dominado, mesmo–outro, inclusão–exclusão, procuro, neste trabalho, analisar a obra de Luiz Alberto Mendes, *Memórias de um sobrevivente*, à luz das teorias contemporâneas sobre identidades e formação do sujeito como um produtor de conhecimento e como um indivíduo politicamente participante.

PALAVRAS-CHAVE: memória - testemunho – violência – política.

Precisamos viver no inferno,
mergulhar nos subterrâneos sociais,
para avaliar ações que não poderíamos entender aqui em cima.
Graciliano Ramos, *Memórias do cárcere*

Os gêneros memorialistas têm sido um importante objeto de investigação sobre a construção de identidades nas sociedades contemporâneas. A discussão sobre os limites entre ficção e realidade tornam-se irrelevantes se pensarmos que as ficções encerram verdades que deixam entrever ideologias, mentalidades, crenças e identificações que perpassam a vida daqueles que as produzem.

Procurando evitar a reafirmação de teorias sobre minorias que constroem identidades rígidas e reducionistas, reiterando os clássicos contrastes como dominador /dominado, mesmo/outro, inclusão/exclusão, procuro analisar a autobiografia do presidiário Luís Alberto Mendes em *Memórias de um sobrevivente*, à luz das teorias contemporâneas sobre identidades e formação do sujeito em autobiografias, para então alcançar uma compreensão do papel deste sujeito e a sua produtividade política. Utilizo, como base para esta análise, o livro de Daniela Gianna C. B. Versiani, *Autoetnografias*, e os comentários e análises de Luis Eduardo Soares em *Cabeça de*

Porco. Seguindo esta linha, as memórias de Luiz Mendes acabam se revelando importante objeto de investigação, pois traduzem sistemas de pensamento e de modos de perceber os processos de construção de “identidades” pessoais e culturais no Brasil contemporâneo; em outras palavras, o testemunho prisional torna-se uma importante fonte de conhecimento, como reafirma Michel Foucault: “Se discursos como, por exemplo, os dos detentos ou dos médicos de prisões são lutas, é porque eles confiscam, ao menos por um momento, o poder de falar da prisão, atualmente monopolizado pela administração e seus compadres reformadores” (1979: 35).

A autobiografia, para estes detentos, exerce uma importante função de autocolocamento a partir de “outro lugar” ou do “outro” que se tornou. A transformação efetuada pela leitura, pelo conhecimento de outros mundos e outras possibilidades de vida é profundamente marcada pelo desejo de se conhecer e compreender a complexa vida passada, geralmente envolta num véu turvo de sentimentos, traumas e emoções indecifráveis. O retorno ao passado, às experiências vividas, revisitadas com um novo olhar, torna-se essencial como um desejo quase intuitivo no processo existencial destes sujeitos: “Nos últimos quatro meses, revivi este livro todinho, página por página, palavra por palavra. Foi uma viagem muito difícil. Houve momentos em que pareceu que tudo estava acontecendo de novo. (...) Doeu, doeu fundo, mas eu precisava mergulhar naquilo de novo” (Mendes 2001: 16).

As memórias de Luís Mendes relatam a grande trajetória da sua vida, desde a infância até os dias de hoje. Estamos tratando de uma autobiografia de alguém vivo - Luís ainda está preso, condenado a oitenta anos de prisão, e sua vida se confunde com a história contemporânea brasileira dos últimos quarenta anos, na cidade de São Paulo, aumentando ainda mais a força deste relato como importante fonte de conhecimento sobre a nossa realidade social onde se formou este homem, produto da interseção entre vários “mundos”. Cito aqui Philippe Lejeune que, ao considerar as biografias e autobiografias textos referenciais e opostos a todas as formas de ficção, argumenta que devem ser lidos a partir de um “pacto referencial no qual estão incluídos uma definição do campo do real visto e um enunciado das modalidades e do grau de semelhança que o texto visa” (1996: 13). Dessa forma, podemos construir o conhecimento sobre este sujeito e suas interações com a sociedade contemporânea.

Partindo-se do princípio que não existe uma identificação total e completa entre um indivíduo e um grupo – já que numa trajetória de vida, um mesmo indivíduo se identificará com vários grupos por meio de determinadas características em comum com cada um deles –, compreenderemos Luís Mendes, este sujeito político e produtor de conhecimento, reconhecendo os elos que ligam esta cadeia: o que move seus trânsitos, suas identificações com os diversos grupos, suas “identidades culturais”. Poderíamos resumir os “mundos” de Luiz em três categorias: a família, a prisão e a cidade-liberdade.

O movimento se repete em toda a história: Luiz parte da família para a cidade, da cidade à prisão, de onde volta então, podendo também transitar em direção oposta. Esse trânsito circular também parece se repetir na vida de grande parte dos detentos, como provam os seus relatos.

A família é como o porto seguro ao qual Luiz volta para se “realimentar” depois das sucessivas perdas. Cada um desses vértices representa um “mundo” bem distinto. Sua origem, a família, tem o núcleo principal composto pelo pai e pela mãe, que criará em Luiz sentimentos que definirão grande parte de suas relações com os diversos “mundos”. Sua mãe será, durante toda a sua vida, a grande fonte de amor: “Amava aquela mulher. Nem imaginava quanto. (...) Estava no centro de minha vida, o ser mais querido e amado do mundo! A única pessoa no mundo que, eu tinha certeza, gostava de mim de verdade.” (Mendes 2001: 86). Mas a vida em família era na verdade um inferno, dominada pela força do pai alcoólatra, violento e torturador: “Vivi a infância toda fermentando ódio virulento àquele meu algoz e envenenando minha pobre existência” No entanto, em meio às lembranças do inferno do lar, Luiz ainda tem a memória do afeto pelo pai, relação que oscilava entre o ódio e o amor: “Apesar de tudo, eu amava aquele meu rude pai, apesar de odiá-lo também. Vivia atrás dele, quando sabia que estava sóbrio (o que era raro)” Enfim, confessa que “União familiar mesmo, jamais vivi” (Mendes 2001: 26). Na escola, tinha um péssimo comportamento, apesar de ser inteligente e conseguir boas notas.

Pressionado pelos pais, consegue o primeiro emprego de office-boy, mas quando recebe o seu salário (metade do salário mínimo), é obrigado a dar tudo à mãe - o pai estava desempregado - restando-lhe apenas alguns trocados. Logo percebeu que todo aquele mundo que o enfeitiçava não era para todos. Havia algo que movia todo aquele universo de luzes, vitrines e pessoas, a que poucos tinham acesso: “Só sabia que vivia sem dinheiro, andando pela cidade, vendo as coisas gostosas, e não podia ter nada (Mendes 2001: 41). A cidade era a “liberdade” que escondia algo diabólico: o apelo do consumo. Os símbolos da juventude e da liberdade estavam expostos nas vitrines e a própria liberdade estava à venda:

A rua, a cidade, as pessoas, me atraíam. Todo o meu ser vibrava intensamente sob o clima do programa *Jovem Guarda*. Eu era rock. E era tudo que significasse liberdade, por mais prisão que fosse (...) Era mesmo impossível resistir mais. Estava fugindo com o dinheiro da empresa.(...) Fui de loja em loja onde havia meses namorava roupas nas vitrines. Comprei calça de helanca (o luxo da época) , jaqueta três-quartos e todos os acessórios da moda. Vesti as roupas novas nas lojas mesmo e joguei a roupa humilde que vestia na primeira lixeira que vi. (Mendes 2001: 46-7)

O primeiro grande roubo foi seguido de uma surra do pai e assim se inicia o ciclo vicioso da sua vida: entre as ruas e as torturas em casa vai se formando o menino-malandro que, para sobreviver na cidade, precisa se adaptar a um novo código. A vida das ruas era fascinante e perigosa para aqueles que estavam à sua margem, exigia esperteza, rapidez e riscos constantes para poderem sobreviver. Criava-se, assim, um mundo paralelo, onde imperava a lei do mais forte, com valores próprios, regido pelo código da malandragem. Submundo financiado pelo desvio do dinheiro do “mundo oficial” onde era oferecido um outro tipo de produto para consumo: as drogas, que por sua vez eram compradas com o dinheiro dos roubos nas ruas. Luiz Mendes revela

a formação de uma nova “identidade”: “Para eles, eu já era malandro (e esse era um título que eu queria muito), sujeito esperto a ser respeitado. Adorei o jeito reverente como me tratavam! (...) Quis fumar um baseado. Queria me mostrar mais malandro ainda, aproveitando a oportunidade para formar a minha nova identidade de vez. O prestígio era fundamental” (Mendes 2001: 49).

A necessidade de “ser respeitado” como nunca fora antes, movia as suas ações. A promoção ao status de “malandro” seria a primeira grande chance de conquistar o respeito a que nunca teve direito. Mas o prestígio custava-lhe caro: era preciso ter dinheiro, “pagar as contas”, ser esperto e sempre dominar a situação: “Paguei café, com tudo a que tinham direito, para todos. Era um prazer pagar tudo (...) Sentia-me querido, necessário, importante e plenamente aceito”. Não bastava ser um malandro qualquer, tinha que ser “um grande malandro”: os desafios sempre o atraíram especialmente, criando nele uma certa obsessão: “por conta disso, criei um perfeccionismo, uma vontade de fazer tudo melhor que os outros, para que meu valor fosse amplamente reconhecido.” Luís Eduardo Soares fala da “fome de valor” desses jovens: “Há uma fome mais funda que a fome, mais exigente e voraz que a fome física: a fome de sentido e de valor; de reconhecimento e acolhimento; fome de ser _ sabendo-se que só se alcança ser alguém pela mediação do olhar alheio que nos reconhece e valoriza” (Athayde 2005: 215).

Como era o destino de todos esses jovens que viviam na rua, Luiz é preso. E a partir daí vive uma sucessão de acontecimentos que o fazem um joguete entre o crime e a prisão. Cresce entre as ruas e as grades, e volta à família por curtos espaços de tempo, não conseguindo mais resistir à vida que tinha conquistado no crime. Mais do que nunca, “Crescer é descer”. A prisão era o inferno, foi vítima das mais cruéis torturas, descritas com detalhes durante toda a sua história. Seu ódio à polícia se confundia com o ódio ao pai, sua ânsia em desobedecer era também o desafio aos seus repressores:

Eu os mataria, eu os trucidaria cortando-os em pedaços a machadadas, na primeira oportunidade. O ódio zumbia em mim, vencendo o medo. Eles eram meu pai, eram a fome, o frio, a miséria, a solidão e a ausência de minha mãe. Eles eram tudo o que odiava no mundo. Queriam saber o que fizera com o dinheiro estrangeiro e os objetos que levava do apartamento da vítima. (Mendes 2001: 74)

A “Escola do Crime” criava uma outra identificação, movida pelo ódio a tudo e a todos. A evolução do malandro levava-os a uma outra etapa:

O assalto era o ápice de nossa formação como malandros. Título por demais apreciado por nós. Não achávamos que ninguém tinha mais direito que nós de ser feliz. A felicidade para nós eram armas, carros velozes, mulheres fáceis, droga, bebidas e curtição. (...) sermos bandidos era a glória. O nosso poder parecia infinito dentro do carro, com as armas. Tudo era nosso. Era só descer e

tomar. Se tudo o que tinha significado estava nas mãos dos outros, nada mais justo que fôssemos tomar nossa parte. (Mendes 2001: 103)

Nas palavras de Luís Eduardo Soares: “Registre-se que o universo do crime e da violência não é vazio de valores: há uma ética no crime e mesmo uma moral na violência (...). Por exemplo, a lealdade ao líder, que exige resistência estóica à tortura.” Nas palavras de um traficante, o código de ética vigora revelando a realidade paradoxal: “Existe uma lei aqui na favela que tem que ser cumprida: quem tem maldade, tem que morrer; aqui, todo bandido tem que ser puro.”

A ousadia, a liderança e conseqüentemente o grande poder do assaltante, dentro deste mundo, exercia um verdadeiro fascínio sobre os pequenos malandros que almejavam chegar também a este posto: “Estava doido para conhecer um assaltante de fato. (...) Queria conhecer esses heróis. Sim, para mim eram heróis.” Os pequenos malandros identificavam-se com os valores da resistência a esse mundo, difundidos pelos “heróis do crime”, também “mitificados” pela mídia: “Meu sonho era ser malandro, daqueles que saíam nos jornais”. No depoimento do pai de um jovem traficante: “A televisão atrapalha muito, sabia? (...) Meu filho acha bonito aparecer como um cara perigoso pras comunidades, pra polícia.” (Athayde 2005: 213). Luiz também chega ao topo desta hierarquia. Sobre estas relações de mão-dupla, Luís Eduardo Soares esclarece que:

A carreira do crime é uma parceria entre a disposição de alguém para transgredir as normas da sociedade e a disposição da sociedade para não permitir que essa pessoa desista (...) Esmagando a auto-estima do adolescente que errou, a sociedade lava as mãos, mais ou menos consciente de que está armando uma bomba-relógio contra si mesma, contudo feliz, estupidamente feliz por celebrar e consagrar seus preconceitos. (Athayde 2005: 236)

Mas a “felicidade” conquistada com o poder das armas e do dinheiro, não era tão ilusória para Luiz, quanto se poderia supor. Havia um sentimento, motivado pelo próprio aprendizado da sua experiência pessoal, que, social e teoricamente construída (“e é precisamente desta maneira mediada que produz conhecimento”), que sinalizava, por trás das suas ações inconsequentes, uma realidade ética:

Eles diziam que malandro vive em constante comemoração, todo dia é festa e alegria. Não precisavam de dias especiais para serem felizes, todo dia era dia de ser feliz. Era o que estava sendo nossa vida, e eu adorava, apenas me sentia esquisito, estranho, sendo feliz. Tinha sempre em mente que pagaria caro por aquilo, não sabia como, nem quando, mas aquilo não era normal, ia dar errado. (Mendes 2001: 258)

E deu errado: Luiz é condenado a oitenta anos de prisão pelos crimes cometidos, incluindo dois homicídios. A avalanche da sua vida enterrou todas as possibilidades

de uma recuperação social, seu destino estava tragicamente traçado e sua liberdade acabara para sempre:

Quando assinei o ciente daquela condenação, a realidade da minha situação de homem enterrado vivo atingiu-me com toda a sua violência. O desespero foi completo. Nunca mais sairia da cadeia. Eu só tinha dezenove anos... A revolta feria a alma. Era demais dolorido saber que agora só aquilo, aquele mundinho reduzido de poucos metros, iria ser minha vida (Mendes 2001: 406).

Mas, surpreendentemente, a vida parece lhe oferecer mais uma chance, mostrando que nem tudo estava perdido, e o que parecia irreversível, é iluminado por uma nova esperança. Surge, como um “herói salvador”, um outro prisioneiro que, à semelhança de um cavaleiro medieval (qualquer semelhança seria mera coincidência?), mostra-lhe a grande porta de saída. “A esperança é um método” (Athayde 2005: 125), é o que afirma Luís Eduardo Soares e parece explicar muito do processo existencial destes sobreviventes. Henrique, um dos maiores assaltantes de São Paulo, com um “rosto parecido com o dos antigos patrícios romanos (...) era uma pessoa boa, extremamente generosa e despojada (...) o cara parecia aqueles nobres cavaleiros da Idade Média, estava sempre a tomar o partido dos mais fracos e humildes”(Mendes 2001: 438).

Henrique entregava a Luiz a “chave” da “cela”: “O novo amigo falava em livros, contava-me romances que lera, falava em poesia, filosofia, um monte de coisas novas para mim”. E foi a confiança, como um sentimento mágico e quase desconhecido naquele mundo, que permitiu a abertura para a grande e definitiva transformação: “Foi a primeira pessoa no mundo, fora minha mãe, em quem depus minha confiança total e irrestrita.” A identificação com o amigo tornou-se também a identificação com o mundo novo que se apresentava, e este novo mundo mostrava-se mais forte que as grades que o tornavam incomunicável. E há aqui um toque de magia que nos remete inevitavelmente às fantasias de histórias clássicas. Como uma Sherezade, que se libertara e transformara o terrível Sultão através do seu poder de contar histórias, ou à semelhança do Abade Faria de *O Conde de Montecristo*, que, através de um túnel secreto cavado na masmorra, traz ao amigo prisioneiro a esperança através de seu profundo conhecimento, grande sabedoria, e por fim a conquista do tesouro, Henrique revela a Luiz o mapa do “grande tesouro”:

As histórias dos livros que contava, eram extremamente fascinantes e belas. Ensinou-me a valorizar livros, a querer conhecê-los todos. Agora ansiava sair do castigo para começar a ler aquelas histórias de que ele falava. Era poeta, e eu também quis ser poeta. Prometeu ensinar-me. Passamos quatro meses no mesmo encanamento de privada, conversávamos todo o tempo que nos era possível. Havia tanto assunto...conversei mais nesses três meses do que em quase toda a minha vida. Seus conceitos de nobreza de propósitos, sua visão moral diversa daquela que aprendera no meio criminal, me falavam ao coração. (Mendes 2001: 438)

O poder e a beleza daquelas palavras eram transmitidos, ironicamente, pelo encanamento da privada, que contrasta com o que está além da dureza do ferro dos encanamentos: o encantamento do “outro mundo”.

uma pilha de livros, cadernos com poesias e textos dele, papéis, canetas, a carta-rascunho para minha mãe e uma carta dele mesmo. Emocionou-me. Fiquei muito feliz em possuir um grande amigo. Olhei e namorei livro por livro, caderno por caderno. Aquilo era importante demais para mim. Eu iria construir uma nova história de minha vida, doravante. Uma história mais bonita. (...) Eu fazia milagres trocando livros à noite pela janela, com uma corda fina que chamávamos teresa. O risco era enorme. (Mendes 2001: 438)

A identificação de Luiz com o mundo dos livros parte da sua própria abertura ao discurso do amigo que, baseada na confiança, “falava ao coração”. Essa relação afetiva revolve nele os sentimentos sedimentados com os anos de sofrimento, e trazia à tona sentimentos guardados que, ao aproximarem-no da mãe, a fonte de positividade, faziam de Luiz um campo fértil para a transformação. Henrique, mostrando conhecer muito bem o amigo: “Procurava me incentivar a que cultivasse o amor que havia em mim por minha mãe, pois dizia que era a melhor parte da vida”. Surge um novo olhar: “A dor submete. A dor humilha até nos fazer qual pó de estrada, tapete do mundo. Dizem que ensina. Sem dúvida, ensina. Principalmente a não querê-la mais, de modo nenhum, por mais que contenha qualquer ensinamento”.

A construção da identidade cultural ocorre diariamente nas relações interpessoais que por sua vez envolvem não apenas a “fria teoria” mas também os afetos, os desejos, as visões que temos de nós e dos outros, e dos grupos entre os quais circulamos. Quando não se é visto e se vê, o mundo oferece tudo, mas nega a presença, a presença verdadeira que vem da interação, da troca, do reconhecimento.

Meu negócio era acumular conhecimentos, pois acreditava que isso me valorizaria para os outros. Eu carecia de importância, e queria chocar com um tal volume de conhecimentos e informações que me destacasse da minha condição prisional. (...) Hoje sei que algo que me motivava profundamente em meus estudos era também a dificuldade de penetrar no pensamento dos grandes sábios e de assimilá-lo. Sua imensa complexidade me fascinava. Era desafio. Sempre adorei ser desafiado, porque minha vontade tornava-se poderosa, colocando meus desejos periféricos como secundários, até desimportantes. Ficava altamente receptivo e reunia forças desconhecidas para vencer o desafio. (Mendes 2001: 467)

A experiência torna-se o fundamento do conhecimento e da possibilidade de transformação de valores através da explicitação de múltiplas pertencas que Luís revisita agora na sua autobiografia. No entanto, esta explicitação só ocorreu a partir do momento que encontrou as condições mínimas favoráveis para manter as memórias e

identificações anteriores. Em “Unidade e fragmentação em sociedades complexas”, Gilberto Velho se utiliza da noção de metamorfose do indivíduo que se daria a partir das diferenças entre o projeto individual e o projeto coletivo do grupo ao qual pertence. E lembra que para isso, é preciso que a sobrevivência cultural de um indivíduo não esteja condicionada à rejeição de suas identificações anteriores, ou seja, reviver o passado é também possibilitar o futuro:

A intenção do livro não foi a de ter uma mensagem. Não tenho essa pretensão. Apenas escrevi para ter uma sequência que permitisse que eu mesmo entendesse o que havia acontecido realmente. Pois, afora poucos momentos em que estive no comando de minha existência, a maior parte de minha vida transcorreu em uma roda-viva, descontrolada e descontínua. Eu queria ordenar momentos e acontecimentos, ações e reações, para ver se entendia um pouco dessa balbúrdia que foi minha existência. (Mendes 2001: 476)

A produção de conhecimento está diretamente ligada às experiências vividas pela percepção que o indivíduo tem de sua posição no mundo e dos pressupostos teóricos a partir dos quais vê esse mundo. A explicitação dos trânsitos entre diferentes mundos, como vimos acima, através das memórias, somada a uma posição crítica que Luiz adquire a partir de sua “metamorfose”, criam a possibilidade de um importante agenciamento entre esses dois mundos vividos. Esta capacidade de agenciamento, feita através dos pressupostos “socioteóricos” que o indivíduo apreende nas relações sociais com outros indivíduos e grupos é também a capacitação para a construção de conhecimento. A experiência pessoal pode tornar-se a mais eficaz fonte para construção de conceitos.

A própria compreensão do “mundo do crime” a partir da experiência vivida revela um conceito de sociedade como reprodutora da “sociedade oficial”, com suas leis próprias e seu código de ética: “Malandro possuía moral engessada, com um sentimento forte de honra. Havia até uma fidalguia, uma nobreza em certos malandros. Acreditavam em duelo a bala ou a faca por questões de moral e honra” (Mendes 2001: 400).

Entre fugas e libertações, Luiz se forma na Escola do Crime, denunciando uma situação já bastante conhecida entre nós, mas que ao invés de ser reproduzida por uma voz “oficial”, é legitimada pela voz da experiência:

Quando adentrei a sala do juiz, o velho já me lançou um olhar impregnado de ameaças veladas. Ao tomar minha declaração fez tudo para me intimidar, me amedrontar e distorcer o que eu dizia.(...) Na delegacia, era preciso assinar a declaração como eles a haviam feito previamente, caso contrário, seria mais tortura. (...)

A sociedade da época, enganada, julgava que estávamos sendo reeducados. Mas estávamos sendo desenvolvendo, ampliando e trocando nossos conhecimentos relacionados com o crime. Tenho certeza de que aqueles que executavam aquele trabalho de nos manter presos, como o juiz de menores, guardas e funcionários

públicos, sabiam que não estavam nos reeducando.(...) O Instituto era apenas uma vitrine que o Estado ditatorial mostrava para a sociedade. E esta engolia, aliviando sua consciência de comunidade culpada (...) Criava-se uma geração de predadores que iria aterrorizar São Paulo. A maioria seria morta pela polícia em pouquíssimo tempo, mas antes disso... Nunca ninguém se preocupou em nos trazer uma mensagem positiva, nos transmitir valores ou discutir os nossos.(...) Estávamos abandonados à nossa capacidade de produzir uma cultura nossa e à mercê de nossos sicários.(...)

Estávamos cientes de que aqueles que nos barbarizaram o fizeram em nome de uma sociedade. Uma sociedade que nos repelia, brutalizava, segregava, e que quase nos destruía. E o pior: uma sociedade que precisava dessas monstruosidades para se manter. A tortura era uma instituição social. Se estivéssemos em um país menos demagógico e mais civilizado, talvez recebêssemos a pena de morte. (...) Éramos ainda adolescentes, tínhamos entre dezoito e dezenove anos, e se não nos mataram fisicamente, roubaram todo o conteúdo que poderia existir em nossas vidas. Nos enterraram vivos. Estávamos mortos, bem mortos. E me pareceu sempre uma incoerência matar gente que mata gente apenas para mostrar que não se deve matar gente. (Mendes 2001: 180)

Luís Eduardo Soares testemunha que “as instituições públicas são cúmplices da criminalização ao encetarem esta dinâmica mórbida, lançando ao fogo do inferno carcerário-punitivo os grupos e indivíduos vulneráveis – mais vulneráveis dos pontos de vista social, econômico, cultural e psicológico”.

Quando Luiz torna-se consciente do conhecimento que têm dos códigos desses diferentes mundos, tornando-se assim um sujeito ativo disposto a explicitar suas experiências de trânsitos entre esses mundos, podemos pensar em Luiz como um “ator-sujeito” que, ao partilhar suas identificações, ajuda-nos a elaborar a noção de uma “identidade cultural” mais coerente com a experiência contemporânea:

Ainda sou aquele, mas sou também outros (...) O crime, a malandragem, a idéia que perseguira desde a infância, de ser bandido, malandro, foram se afastando do meu foco de visão. Agora aquilo era muito pouco para mim, diante dos horizontes que divisava. A cultura, o aprendizado, levaram-me a fazer uma releitura do mundo. Havia um lado melhor e eu queria pertencer a ele. (Mendes 2001: 469)

Este “ator-sujeito” é aquele que estará apto a desempenhar um importante papel político como interlocutor entre estas diferentes visões de mundo e a perceber o processo de negociação entre essas “identidades culturais”. Luiz se transforma num sujeito atuante e difusor do próprio conhecimento que adquiriu, revelando seu importante papel político, não só através das suas memórias mas na prática de vida: “Sou professor aqui há quatro anos”. Sua própria experiência de dor e transformação o leva a querer transformar também o mundo a sua volta:

Fazia algum tempo que vinha com uma idéia de tentar criar um movimento literário aqui. Minha idéia era montar um concurso para poesias, crônicas e contos (...) Tentei me apoiar em entidades que se afirmam de proteção e amparo ao preso (...) Chegando encontrei um sujeito vestido de preto (...) Chamava-se Fernando Bonassi (...) Deu-me espaço então relatei todo o meu projeto de um concurso literário com a finalidade de criar um movimento literário aqui dentro (...) O concurso realizou-se. Era uma idéia e hoje já está na fase de premiação dos ganhadores. (Mendes 2001: 472)

Enfim, como Luís Mendes, entram em cena, nesta tumultuada transição de séculos, os “malandros letrados”, aqueles que transitam nos dois mundos, dominam os seus códigos e conquistam o lugar da fala. Um lugar - ou entre-lugar - de entrecruzamento de discursos e tensões de realidades que fazem brotar as contradições, levando à urgente necessidade de rever o que fazer com as coisas, as idéias e também com as palavras.

Este malandro letrado encontrou na literatura as formas possíveis – ou as formas-prisões, nas palavras de Silviano Santiago para designar a condição da escrita do artista latino-americano - de um certo modelo que, paradoxalmente, tornou-se libertador. Aceita “a prisão como forma de comportamento, a transgressão como forma de expressão” (Santiago 2000: 24). A expressão deste “malandro letrado” está na transgressão, não da forma, mas no uso dessa forma para expressar a própria transgressão social e moral.

O texto de Luiz Alberto Mendes, como um convite à reflexão sobre o “estar no mundo” hoje, promove no leitor, mediado pelos seus próprios conceitos sócio-culturais, uma aprendizagem através do diálogo em que sobressai a vontade de conhecer este “outro” e suas experiências neste mundo. Abertos a este conhecimento, poderíamos concluir entre muitas coisas, que julgar é inútil, e seu efeito, completamente ilusório, e quando ele se torna um poder institucional pode transformar-se na prática da crueldade sem limites.

Poderíamos também confirmar a perversidade do sistema em que todos vivemos – presos ou “livres” – quando ele próprio cria a ilusão de uma liberdade negociável, comerciável, que esconde escravidões. E que para escaparmos a este convite perverso da sociedade de consumo que nos envolve como serpente sedutora, devemos acima de tudo ter uma vontade mais forte do que qualquer grade, e remando contra a maré, confiar no nosso próprio poder transformador que seria a libertação da cegueira, das ilusões, dos preconceitos, que conformam a prisão do mundo. Talvez assim ainda se possa falar em liberdade, mesmo que escondida nos encanamentos.

OBRAS CITADAS

ATHAYDE, Celso; SOARES, Luiz Eduardo; MV BILL. *Cabeça de porco*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979.

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*, Paris: Seuil, col. Points, 1996.

MENDES, Luís Alberto. *Memórias de um sobrevivente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

VERSIANI, Daniela. *Autoetnografias*. São Paulo: Ed. 7 Letras, 2005.

THE TEXTIMONY

ABSTRACT: Social science has been giving special attention to “memorialist genres” as sources of knowledge about the construction of identities in present days. In our analysis of the work of Luiz Alberto Mendes, *Memórias de um Sobrevivente* (*Memories of a Survivor*), we try not to reaffirm the theories about minorities that build rigid and reductionist identities as the classical contrasts such as dominant–dominated, same–other, inclusion–exclusion can prove. This work aims at an analysis of *Memórias de um Sobrevivente* based on contemporary theories about identities and the formation of the subject-agent as a producer of knowledge and as a politically active person.

KEYWORDS: memory – testimony – violence – politics

Recebido em 15 de abril de 2009; aprovado em 29 de junho de 2009.